



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

S. GUALTER DE GUIMARAES

ENSAIO BIOGRÁFICO

(Continuado do número anterior, páginas 39)

Diz pois o dito capítulo, ingenuamente intitulado — *De uma bela prgação que na cidade de Assis fizeram S. Francisco e Fr. Rufino* — :

“Andava o dito Fr. Rufino de tal maneira absorvido em Deus, pela incessante contemplação, que se ia tornando como insensível e mudo, falando rarissimamente; e não tinha nem a graça nem o ardimento nem a eloquência do prgador; não obstante isso, S. Francisco mandou, uma vez, que fôsse prgar ao povo de Assis, o que Deus lhe inspirasse. Ao que respondeu frei Rufino: “Reverendo Padre, peço-te que me perdoes e me não mandes lá; porque bem sabes que não tenho graça em prgar e sou ignorante.” Então S. Francisco contestou: — Porque não obedeceste prontamente, eu te mando, por santa obediência, que apenas com os hábitos interiores, vás a Assis, entres numa igreja, e pregues ao povo.” A esta ordem, frei Rufino despede-se, parte para a cidade, entra em uma igreja, e depois de ter feito reverência ao altar, sobe ao púlpito e começa a prgar. A êste espectáculo, todos começaram a rir, e diziam:

— “Ora aí está! Tanta penitência deu com êles em doudos.

“Entretanto S. Francisco, tendo considerado a prontidão da obediência de frei Rufino, o qual era um dos mais nobres cavalleiros de Assis; e considerando mais na dura ordem que lhe tinha dado, come-

çou a repreender-se a si mesmo, e a dizer: — «Donde te vem, homenzinho vil, tanta presunção, a ti, filho de Pedro Bernardão, para mandar o nobre frei Rufino prègar ao povo, como um louco! juro-te que hás-de experimentar por ti mesmo o que aos outros ordenas.» E, num ímpeto de espírito, despiu igualmente o hábito e partiu para Assis, na companhia de frei Leão que lho levou, bem como o de frei Rufino. E ao vê-lo assim, escarneciam dêle os habitantes da cidade, pensando que tanto um como outro tinham enlouquecido, por excessos de penitência. E S. Francisco entrou na igreja onde frei Rufino prègava sôbre aquelas palavras: *O' irmãos caríssimos, fugi do mundo e deixai o pecado; dai o seu a seu dono, se quereis evitar o Inferno; observai os Mandamentos; amai a Deus e ao próximo, se quereis ir para o Céu; fazei penitência, se quereis possuir o Reino de Deus.* Então S. Francisco subiu ao púlpito, e começou a prègar tam maravilhosamente do desprezo do mundo, da santa penitência, da pobreza voluntária, do desejo do Reino celeste, da nudez e do opróbrio da Paixão de N. S. Jesus Cristo, que todos quantos assistiam ao sermão, homens e mulheres, começaram a derramar muitas e devotas lágrimas de compunção de coração; e não sòmente ali, mas em tôda Assis, houve, naquele dia, tantas lágrimas sôbre a Paixão de Cristo, como nunca até aquele dia tinha havido. E havendo dêste modo edificado e consolado o povo, S. Francisco e frei Rufino vestiram o hábito e voltaram para a Porciúncula, louvando e glorificando a Deus por lhes ter dado fôrças para se vencerem pelo desprezo próprio, e graça para edificarem as ovelhas de Deus pelo exemplo, e por lhes ser mostrado quanto o mundo é para desdenhar.»

O que tornava estes prègadores mestres soberanos da palavra que vence e arrasta, era a perfeita sinceridade e flagrante concordância da vida com a prêdica. Prègavam o desprezo do mundo — e em *«trajes menores»* se dirigiam ao povo, que começava a ouvi-los, entre gargalhadas e apodos, mas acabavam por bater nos peitos, derramando lágrimas abundantes. Prègavam o abandono das riquezas, mas, por sua parte até a posse dos eremitérios e simples choupanas se recusavam a tomar, vivendo nelas de passagem *«sicut adve-*

næ et peregrini» como hóspedes adventícios, e peregrinos com ulterior destino. Prègavam a penitência; mas corroboravam a sua prègação com um grosso e absurdo vestuário, que «não os abrigava de Inverno, e era um pesado e molestíssimo fardo de Verão»: — um saial aberto, que se enfiava pela cabeça e se apertava à cinta com um esparto, de mangas abertas e largas; as mais das vezes trazido ao carão da pele; os pés descalços ou resguardados por uma simples sola, presa por umas correias ao peito do pé. Era êste teor de vida o que lhes dava autoridade, que fazia ponderosas suas palavras; e explica o que pela tradição chegou até aos cronistas, concernente a S. Gualter: *«outras vezes entrava por suas casas gritando, como trombeta, etc.*

IV

Pouco tempo viveram os santos religiosos no sítio escolhido por Gualter — a venerada *Fonte Santa*.

A' estranheza da primeira vista e fundado receio de ludíbrio, sucedeu a admiração pelas altas virtudes de que davam exemplo. A humildade singela e genuína, o recolhimento contemplativo, a austeridade despretençiosa de S. Gualter e companheiros impuseram-se aos habitantes do velho burgo, que principiaram a instar com êles por que recolhessem ao interior da vila.

Resistia o devoto anacoreta a tais rogos, enamorado da paz e quietação do lugar, contente de se ver longe do bulício dos homens e livre de se dar à contemplação, sempre que seu espírito o exigisse.

Ou ainda — e seja-nos permitida esta mui provável hipótese — porque talvez já então se começasse a esboçar a irredutível opposição da clerezia da Colegiada à assistência dos Minoritas dentro dos muros da vila, opposição que mais tarde veio a dar em grave escândalo.

Em tal caso Gualter, como verdadeiro e bom discípulo de S. Francisco e cumpridor minucioso de seus conselhos e avisos, não quis ir de encontro à relutância dos cônegos, acedendo ao convite dos vimaranenses. O que estes puderam conseguir, foi apenas uma aproximação de metade da distância entre a vila e o primi-

tivo local, mudando S. Gualter o ermitério para um sítio a que, ainda no século XVII, se chamava «*S. Francisco-o-Velho*». O padre Manuel da Esperança escreve o seguinte de que êle mesmo foi testemunha: «Aqui numa eminência se vê ainda à flor da terra um pedaço de parede e noutras partes vizinhas desentranha o arado alguns tijolos e pedras: argumentos claros do antigo edifício». E continua corroborando: «Depois que nós o deixámos na mudança para a vila, os seculares a quem ficou êste campo fizeram um pombal nêle que por razão do convento se chamava de *S. Francisco-o-Velho*».

Em 1476 passou o dito prédio, onde além do pombal haviam edificado outras casas de moradia, à *Confraria dos Sapateiros*, por doação de Álvaro Gomes e de sua mulher Isabel Mendes, como do arquivo dessa corporação extraiu o citado Padre Esperança, a quem segue o Padre António José Ferreira Caldas, ao determinar o lugar exacto desta segunda fundação, por estas palavras: «...escolheram (S. Gualter e seus companheiros), aproximadamente em distância média de Guimarães à Fonte Santa, um campo, que confrontava com a quinta de Vila Verde, campo e deveza do Minhoto, campo do Cavalinho e caminho público, e nêle edificaram, com o auxílio dos vimaranenses, um pequeno e modesto convento, onde por espaço de cinquenta e cinco anos viveram na cultura das mais acrisoladas virtudes». ⁽¹⁾ Este mesmo local assina o Padre Gonzaga e mais autores que o assunto tocam.

Aqueles restos de edificação antiga, como tijolos e pedaços de parede, desapareceram por completo, e nem admira; contudo parece ser êste verdadeiramente o sítio onde até ao resto da sua vida habitou S. Gualter; porquanto, recuando datas, vamos encontrar um documento, que, já em 1448, chama a êste lugar de *S. Francisco-o-velho*; data assás próxima da época em que o deixaram os frades, e portanto concludente prova de ser aquela e não outra a segunda fundação do convento vimaranense. Se não, vejamos:

⁽¹⁾ Guimarães — *Apontamentos para a sua história*, pelo Padre António J. Ferreira Caldas, vol. II, pág. 93 e 94.

Entre a era de 1216, ano da chegada dos frades menores a Guimarães, e a de 1476, data da doação do *pombal de são Francisco-o-velho*, medeiam 260 anos; menos cinquenta e cinco que tantos nos dão as crónicas e memórias da cidade, como sendo os que aí viveram os religiosos, temos 205 entre o abandono da casa ⁽¹⁾ e a doação; tempo insuficiente para se perder uma tradição a que sucessos posteriores vieram dar uma retumbância extraordinária.

Mas estes duzentos anos ainda são reduzidos a 177 por uma carta de partilhas feita pelo escrivão Fernão de Sela ⁽²⁾ com a data de 16 de Julho de 1448, na qual já vemos a denominação sobredita. Cópia o P. Esperança das notas do citado Fernão de Sela: «*Parte ⁽³⁾ assi como vai a sebe de orredor do caminho ta ⁽³⁾ o ribeiro que se começa sob a dita sebe e se vai por hi a fundo caminho do pombal que chamão de são Francisco o velho*».

Citação esta que tira quaisquer dúvidas que pudessem haver sobre o lugar desta segunda fundação.

*

Em sossêgo não perturbado aqui viveu largos anos S. Gualter.

Já reconstruímos, por analogia, o ermitério ou conventinho e sua igreja que êle neste lugar fundou, e onde viveu a vida austera e contemplativa que em Itália aprendera. Aqui se lhe vieram agregar numerosos discípulos, como se depreende que foram das palavras de Mariano de Florença, citadas num dos precedentes artigos e pelas de Tamayo que escreve ter sido tam insigne a santidade de Gualter que atraía por ela muito povo ainda de longe, e chegou a ajuntar numerosos discípulos. ⁽⁴⁾

⁽¹⁾ Partimos da suposição de que não chegou a um ano a permanência dos religiosos na *Fonte Santa*, suposição aliás gratuita, que só serve para base da hipótese que fazemos.

⁽²⁾ a extremidade da propriedade partilhada.

⁽³⁾ até.

⁽⁴⁾ *Ubi (Portugalliae Regno) Gualterus tam insigni floruit sanctitate, ut populus longe, lateque devinceret, eique plures con-*

Com o aumento da família mais se foi acentuando o duplo carácter do seu viver activo e contemplativo. Sempre de olhos fitos nos ensinamentos, vida e exemplo do seráfico Patriarca, ao qual consideravam tipo e forma da perfeição a que deviam tender, ora passavam grandes temporadas completamente entregues ao exercício da oração e contemplação, alheados do trato dos homens, cuidando exclusivamente no aperfeiçoamento e aumento das próprias virtudes, ora impulsionados pelas exuberâncias do zêlo apostólico iam de terra em terra prêgando, doutrinando e convertendo os homens para Deus.

E não só ao território de Guimarães se extendia a acção benéfica de Gualter e seus discípulos. Conquanto nada nos conste da sua passagem pelas povoações vizinhas, apesar de não existirem monumentos dela, nem a tradição a mencionar, podemos não obstante conjecturar que a sua acção se faria sentir ao largo, pois sabemos que à fundação do convento de S. Francisco do Pôrto assistiu o mesmo santo. E' esta uma tradição que alguns cronistas recolheram e os demais não contestaram.

*

Quarenta e dois anos é o mais largo espaço de tempo que dão as histórias como tendo vivido em Portugal, o devoto discípulo de Francisco.

Contudo o Padre Esperança, — que foi quem, por dever de officio, mais demoradamente tratou de lhe escrever a vida, — não parece inclinar-se para esta opinião, vista a maneira evasiva como dela fala sem admitir nem rejeitar. Diz pois que não há grande certeza do ano, mas que não pode ser o de 1236, porque nesse ainda não havia principiado a fundação do convento de S. Francisco do Pôrto, à qual o santo foi assistir. «E se chegou com a vida ao de 1258, como diz o Analista, lugar teve para fazer muitos serviços a Deus».

gregat. — D. Joann. Tamayo Salazar, «Anamnesis sive Commerat-
Sanctoru Hispanoru», etc. Tom. IV.

Mas se o ano do falecimento de Gualter é duvidoso, não sendo mesmo possível já agora aclará-lo, o mesmo não sucede com o dia de sua morte, acerca do qual existem claros indícios. E assim terminantemente reza o *Livro dos óbitos de S.^{ta} Cruz* de Coimbra: *Secundo Kalendas Juli obiit frater Gualterus ex Ordine Discalceatorum*. Que quer dizer: *No segundo dia das calendas de Julho morreu frei Gualter da Ordem dos Descalços*. Ora o segundo dia das calendas de Julho corresponde ao dia *trinta de Julho*, que devemos portanto considerar o da morte do servo de Deus.

Houve, porém, autores — e não poucos, segundo parece, porque Esperança lhes chama *multidão* — «nacionais e estrangeiros» que assinaram o dia dois de Agosto como o do decesso de S. Gualter. E' fácil todavia ocorrer aqui um equívoco. Este dia foi sim o «da sua festa antiga», dia avisadamente escolhido para essa celebração, pelo grande concurso de povo que, para ganhar a *Indulgência da Porciúncula* ou o *Perdão de Assis*, começava de afluír à igreja de S. Francisco. Porque como o intervalo era pequeno, os concorrentes à festa de S. Gualter aproveitariam a ocasião, estariam mais um dia e ficariam para ganhar o célebre jubileu.

Ademais a autoridade do *Livro dos óbitos* é grande no presente caso, porque «alcançou êste tempo» i. é, o de S. Gualter, como adverte o tanta vez citado cronista, ao combater a *multidão dos autores nacionais e estrangeiros*, que optam pelo dia dois de Agosto, como por exemplo, o autor do *Acta Sanctorum*, que afirma, contraditando a opinião de António Brandão ⁽¹⁾ e do *Livro dos Obitos de S.^{ta} Cruz*, ser êste o dia da festa e da morte do santo ⁽²⁾, apoiando-se nas autoridades de Ferrari ⁽³⁾, Tamayo ⁽⁴⁾, Fr. António da Purificação ⁽⁵⁾, Fr. Artur de Munster ⁽⁶⁾, etc.

(1) Antonio Brand., *Monarchia Lusitana*, liv. 13, cap. 13.

(2) Para não tornar dificultosa a leitura destas *Notas*, publicaremos em forma de «apenso» os testemunhos dos vários autores que de S. Gualter trataram.

(3) Ferrari, *Catalogus Generalis*.

(4) Tamayo, *Martyrologium Hispan.*

(5) Ant. da Purific., *Chronol. Monast. Lusit.*

(6) Artur, *Martyr. Franciscanum*.

Não nos satisfaz contudo a crítica dêste autor, por insuficiente argumentação; porquanto diz: «com nenhum argumento prova (Brandão) tratar-se do nosso Beato, pois o nome de Gualter é comum a muitos; tanto mais que êste nosso não morreu em Santa Cruz de Coimbra, mas em Guimarães» ⁽¹⁾. Ora se é verdade que o nome de Gualter é comum a muitos sujeitos, torna-se porém peculiar a um com a determinação com que no caso presente é restringido «*ex Ordine discalceatorum*» — da Ordem dos Descalços — ou, como é óbvio da *Ordem dos Frades Menores*, que assim desde o seu começo foi conhecida a fundada por S. Francisco. Ora, da Ordem de S. Francisco e daquelas remotas eras, registam as crónicas apenas dois religiosos com o nome de Gualter: o nosso S. Gualter de Guimarães, e mais outro, bispo *pictaviense* ou de Poitiers, o qual já era morto no tempo do Papa Clemente V (an. 1305-1314), como se colige destas palavras do «*Catalogus sanctorum fratrum minorum*»: *Em Pictávia frei Gualter, bispo pictaviense; operou muitos milagres; deu vista a muitos cegos, e, tendo sido aberto o seu sepulcro, por preceito do senhor Papa Clemente V, estendeu o braço e mostrou o que numa das mãos encerrava.* ⁽²⁾

Evidentemente não é dêste Gualter que trata o *Livro dos Obitos*.

Quanto à objecção de não ter sido em Santa Cruz de Coimbra mas em Guimarães que morreu S. Gualter, e portanto não ser crível ter o necrológio relação com êle, advertimos: não compreendemos por que razões queria o autor dos *Acta Sanctorum* que um frade da *Ordem dos Descalços* fôsse morrer a um convento de *Cónegos Regrantes*. ? Para haver uma explicação plausível à inserção do seu nome no livro necrológico? Mas a dificuldade que nisso possa haver desfaz-se ao considerarmos que entre a Colegiada de Guimarães e

⁽¹⁾ *Sed nullo argumento probat, hunc textum de Beato nostro esse intelligendum; cum tamen Gualterii nomen pluribus commune fuerit; neque noster Conimbricæ obierit ad Sanctae Crncis, sed Vimarani; (Acta Sanct. Mens. Augusti).*

⁽²⁾ *In Pictavia frater Gualterus, etc. — (Fragmenta Minora — Catalog. sanct. frat. min., pág. 29).*

Santa Cruz de Coimbra houve sempre íntimas relações, e uma tal ou qual dependência litúrgica, como se colhe do facto de ser ainda hoje comum a Coimbra e à Colegiada de Guimarães o calendário por que regulam o Offício divino.

Não é pois de admirar que a morte de varão de santidade tam famosa chegasse aos ouvidos dos Cónegos Regrantes de Coimbra, por meio dos Cónegos de Guimarães, e o registassem em seu *Livro dos Obitos*, espécie de *martirólogo doméstico*, destinado à leitura em pública comunidade, costume prevalecente até nossos dias, onde existem comunidades religiosas.

Se algo prova a existência dêsse assento no registo do mosteiro conimbricense, é a fama de santidade, e a veneração pelas suas virtudes, de que S. Gualter já em vida gozava. Pois de outra maneira se não explica como entre tantos religiosos que morreriam por aqueles tempos, só o nome do pobre mendicante italiano merecesse aos devotos Crúzios as honras de registo.

(Continua).

T. G.